

ENTREVISTA

Hagar Espanha Gomes

A trajetória do curso de mestrado em Ciência da Informação que completa 20 anos, a necessidade de formação de recursos humanos em face do desenvolvimento e os desafios das atividades do setor de informação científica e tecnológica no atual contexto do País são abordados pela professora Hagar Espanha Gomes nesta entrevista

Quais os antecedentes, os fatores que motivaram a criação do curso de mestrado em Ciência da Informação?

Desde 1955, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) realizava um curso de especialização voltado para a documentação científica: metodologia para elaboração de bibliografias sistemáticas, elaboração de índices impressos para tais repertórios, metodologia para levantamentos bibliográficos (hoje, busca retrospectiva), técnicas de organização da informação (indexação e classificação por meios manuais, mecânicos e semimecânicos), estudo das fontes bibliográficas especializadas e outros tópicos afins. Por esse curso passaram muitos dos próprios funcionários do Instituto, além de profissionais de diversas áreas, do País e, a partir de 1963, da América Latina. Esse curso influenciou a maioria dos programas das escolas de Biblioteconomia e, por quase 20 anos, foi o único de sua categoria no País. Os professores eram, quase todos, do próprio *instituto* - exceção feita para História da Ciência e para as disciplinas científicas da especialidade do curso. Essas disciplinas variavam a cada ano: ora voltadas para a Agricultura, ora para a Medicina, ou a temas tecnológicos e assim por diante.

Uma das características desse curso era a presença - buscada e desejada - de profissionais de outras áreas do conhecimento, por orientação expressa da então presidente do IBBB, dona Lydia de Queiroz Sambuquy.

Apaixonada pela Ciência, não tendo sido cientista, segundo ela, por circunstâncias que nesta época talvez fossem irrelevantes, dona Lydia fazia questão de incluir, sempre, séries de palestras por cientistas de renome, visitas a centros de pesquisa - em geral, em São José dos Campos e em São Paulo -, além da disciplina História da Ciência. Sem perceber, familiarizávamos com o ambiente da Ciência, seus valores e outros problemas fundamentais para o exercício da atividade de Informação em Ciência e Tecnologia (ICT) e, mais tarde, para a formulação de planos e programas de ICT. Essa disciplina - História da Ciência - fundamental para quem atua na área de ICT foi, infelizmente, inteiramente abandonada, levando a uma visão por demais tecnicista e alienada dos profissionais de informação documentária.

O curso contribuiu, sem dúvida, para formar a competência dos profissionais do IBBB, que puderam, através do ensino, sistematizar seu saber e, com isto, melhorar sua prática, criando-se um movimento contínuo ascendente para o aperfeiçoamento profissional.

No final da década de 60, foram iniciadas algumas ações para automatizar o serviço de bibliografia, por iniciativa de Célia Zaher, então sua diretora. De um lado, a literatura consultada com esse objetivo era, muitas vezes, complexa, escrita por engenheiros, de outro, percebia-se que a recuperação da informação, sob múltiplos aspectos - cujos sistemas convencionais

 IBBB

precisava se modernizar. Sentiu-se a necessidade de avançar de maneira mais profunda e sistemática. Formar pessoal no exterior seria um processo lento. Daí, a imaginar um curso de mestrado foi um passo."

existentes eram de domínio da casa -, podia ser explorada ao máximo com o uso do computador.

Nesse momento, tendo o domínio das técnicas tradicionais, sentiu-se necessidade de avançar de maneira mais profunda e sistemática. Além disso, o IBBB precisava se modernizar. Formar pessoal no exterior seria um processo lento. Daí, a imaginar o curso de mestrado foi um passo. A grande motivação, portanto, foi o advento do computador nas atividades bibliográficas (e não biblioteconômicas).

Infelizmente, o Instituto estava muito à frente em sua visão de tratamento da informação: os analistas e programadores, à época, recém-iniciavam suas atividades no País, voltadas, quase que exclusivamente, para folhas de pagamento, cadastro de pessoal (em listagem) etc. As questões ligadas à recuperação da informação eram inteiramente desconhecidas deles, e isso dificultou muito a adoção efetiva de certas práticas no *Instituto* e de certas disciplinas no curso. De fato, àquela época, Célia, então presidente do Instituto, tinha plena consciência da informação como recurso para o planejamento e política de C&T, como se depreende do banco de dados por ela concebido e por nós continuado. Nesse banco, foram integrados os repertórios bibliográficos, os cadastros de pesquisadores e os cadastros de instituição, permitindo derivação de indicadores. Mas o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq) não tinha sensibilidade para as questões relativas à informação, nem nesse momento, nem no momento seguinte, quando os homens da informática tomaram conta do CNPq. Para estes, a informática era a informação.

Apesar dessas dificuldades, o mestrado teve início graças a um auxílio do Conselho Britânico. Indiretamente - meio sem saber - o CNPq ajudou, fornecendo bolsas de pesquisa para atividades de automação no IBBD. A concessão de bolsas para o Instituto era um fato inédito e significava que o CNPq reconhecia a possibilidade de pesquisas na área de documentação/Informação.

A organização bibliográfica com o uso de computadores teria sido, talvez, a linha de pesquisa imaginada inicialmente.

Qual a contribuição dos vários professores estrangeiros, europeus e norte-americanos, que aqui estiveram principalmente no início do curso?

Até o final dos anos 60 era pequeno o número de profissionais com curso de pós-graduação no País, e, além disso, em sua maioria, tinham título na área de Biblioteconomia, muito restrito para os interesses do IBBD. Com uma rica experiência em Bibliografia (assim mesmo, com B maiúsculo), estava claro que o caminho tinha que ser buscado a partir daí. Afinal, qual era a grande contribuição do computador, senão o registro, em meio magnético, das grandes bibliografias especializadas (bases de dados) como o Chemical Abstracts, o Biological Abstracts, o Index Medicus etc. e o desenvolvimento de técnicas sofisticadas de recuperação?

O nome Ciência da Informação foi escolhido para marcar essa experiência. É verdade que o conteúdo nem sempre correspondeu às expectativas, mas isso se deveu menos à vontade da direção do IBBD do que às limitações impostas pelo material humano disponível para o magistério, constituído de professores estrangeiros, no início, e nacionais, posteriormente.

A vinda de professores estrangeiros foi muito benéfica. O grande apoio inicial do Conselho Britânico favoreceu uma das áreas que considerávamos particularmente importante, como a classificação.

Para nós, a palavra "classificação" sempre evocou Ranganathan. Era mais do que conhecer o uso e o manuseio de tabelas de classificação - era Teoria da Classificação. Essa área não tem recebido a devida atenção, mas ela continua fundamental mesmo para sistemas de recuperação que trabalham com a linguagem natural, com apoio da inteligência artificial.

Na Inglaterra se reunia o maior e melhor grupo de pesquisadores em classificação, aí incluídos, Vickery, Fosskett (Douglas) e Mills. À exceção do primeiro, em cuja agenda não havia disponibilidade para afastamento mais longo, tivemos nos ou-

"Essa

área - Teoria da Classificação - não tem recebido a devida atenção, mas ela continua fundamental mesmo para sistemas de recuperação que trabalham com a linguagem natural, com apoio da inteligência artificial."

tros as bases para a criação de linguagens documentárias. Professores ingleses na área de Administração, como John Eyre, foram fundamentais na introdução de novas visões organizacionais. Os demais professores foram sempre recrutados nessas áreas.

Mas os grandes avanços nas técnicas de recuperação com auxílio do computador estavam nos Estados Unidos, principalmente, na Case Western University, que contava com Shera, Perry, Kent, Melton, para citar os mais conhecidos. De lá vieram, inicialmente, Perry, Melton e, depois, Saracevic. Por sua indicação, outros professores foram convidados, na mesma linha de atuação. Com apoio do CNPq, pudemos trazer os professores norte-americanos.

Formadas as primeiras turmas - com boa participação dos funcionários do IBBD -, viu-se como natural continuar o investi-

mento desses funcionários em sua busca de um doutorado no exterior. A preferência pelo doutorado nos Estados Unidos se deveu, principalmente, às oportunidades abertas pelos primeiros professores norte-americanos convidados. A tradição da pós-graduação nos Estados Unidos apontava para uma estrutura mais flexível aberta de suas universidades. Não houve dificuldade para enviar alunos para o doutoramento, especialmente porque os próprios ex-professores do mestrado se empenharam em estimular os alunos e recebê-los em suas universidades. A estrutura da pós-graduação na Inglaterra, por exemplo, era mais rígida, e somente alguns anos depois a Universidade de Loughborough aceitou alunos brasileiros, mas sua área de interesse não atraiu profissionais do IBBD.

A influência norte-americana se deu na área de organização da informação e bibliometria, possibilitando estudos nas áreas de Estrutura da Informação Científica e de Comunicação Formal na Ciência.

Na década de 80, são introduzidas disciplinas ligadas à comunicação na Ciência e à transferência de informação no ambiente de pesquisa e desenvolvimento. Aí são introduzidos tópicos ligados a questões organizacionais, às implicações da natureza de cada área nos modelos de comunicação, na seleção de canais etc. Essas contribuições, no entanto, já têm a participação de professores com outras orientações teórico-metodológicas.

Quais seriam as principais linhas de pesquisa desenvolvidas ao longo desses anos?

Fica difícil afirmar que o curso tenha linhas de pesquisa. Certamente que Comunicação no ambiente da ciência e da tecnologia tem sido o seu forte. Até mesmo porque a Ciência da Informação se ocupa da informação científica e tecnológica e não da cultural, ou estética, ou mesmo, biológica. E se ocupa desta informação no ambiente da ciência e da tecnologia; de outra forma se confundiria com a Comunicação Social, com a Educação ou com outras inúmeras áreas do conhecimento, já que a informação perpassa todas as esferas da atividade humana.

Com isto, não se está negando a validade dos estudos nessas áreas, apenas eles pertencem a outros setores da universidade, e isso pode descaracterizar a Ciência da Informação. É evidente que, em alguns casos, os temas de pesquisa podem redundar em atividades integradoras com outros departamentos, e isso é altamente desejável. Como exemplo, pode-se citar a área de Administração de Pesquisa e Comunicação no ambiente de P&D.

“Certamente
que Comunicação no
ambiente da ciência e da
tecnologia tem sido o forte
do curso. Até mesmo
porque a Ciência da
Informação se ocupa da
informação científica e
tecnológica e não da
cultural, ou estética, ou
mesmo biológica.”

O doutorado em Ciência da Informação
significa um coroamento das idéias
plantadas no mestrado?

Se a área de ICT tivesse recebido do
CNPq o devido apoio, creio que o doutora-
do já teria sido iniciado, pois de recursos
humanos qualificados o Instituto Brasileiro
de Informação em Ciência e Tecnologia
(IBICT) já dispõe. No entanto, a indefinição
dos dirigentes do CNPq e, por vezes, do
IBICT, em várias oportunidades, a respeito
do papel do Instituto e da função do curso
no desenvolvimento da área, pode ser
apontada como uma das causas das cri-
ses do mestrado.

Partir para um doutorado agora pode ser
interessante, talvez haja demanda. É pre-
ciso saber. Mas é importante identificar a
área, a(s) linha(s) de pesquisa(s) e formar
as equipes. Isso deve ser feito a partir de
uma discussão ampla, que envolva todo o
corpo docente. Soluções tomadas a portas
fechadas caracterizam um modelo fadado
ao fracasso.

Outro aspecto que tem que estar definido é
a infra-estrutura de computação. Até aqui
não se ofereceu aos mestrandos qualquer
apoio de computação, apesar de haver

inúmeros pacotes no setor de processa-
mento de dados da universidade. É bem
verdade que o doutorado pode ser visto
como um curso teórico, para alta especu-
lação filosófica. Mas de nada adianta esta
especulação, se ela não apontar para a
realidade em que vivemos. Portanto, parti-
cipar sempre, de alguma forma, de ativida-
des práticas é fundamental para se avan-
çar a teoria, pois é na execução que se
defronta com os problemas das mais di-
versas ordens, alguns podendo ter respos-
tas resultantes da participação de alunos
do doutorado, mestrado e de outros níveis.

“Partir
para um doutorado agora
pode ser interessante,
talvez haja demanda. É
preciso saber. É importante
identificar a área, a(s)
linha(s) de pesquisa(s) e
formar as equipes.”

Mas o doutorado não deve ser a maior
preocupação. Será que a sociedade pode
esperar por dois anos, ou quatro, por al-
guns três ou quatro doutores? Esse pe-
queno número de doutores será capaz de
provocar alguma mudança na face deste
País no campo da ICT? A decisão por um
curso de doutorado significa descurar da
formação de técnicos competentes, de alto
nível, para atuar na área de ICT, que será
fundamental para o desenvolvimento do
País, quer desejem ou não seus altos di-
rigentes. Formar esses técnicos exige muita
competência, muito conhecimento da reali-
dade do País para identificar as neces-
sidades de formação desse pessoal. Se le-
cionar num curso de doutorado dá status,
formar técnicos competentes dá reconhe-
cimento. O mercado está a necessitar de
uma gama insuspeitada de profissionais de
informação. Cabe à universidade anteci-
par-se enquanto ainda é tempo, do contrá-
rio o espaço que sobrar será para o delírio
da vaidade.

Hagar Espanha Gomes

Livre-docente da Universidade Federal Flumen-
se, mestre em Ciência da Informação pela Univer-
sidade Federal do Rio de Janeiro, diretora do Insti-
tuto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
(IBBD) no período de 1972 a 1975. Exerceu diver-
sas atividades acadêmicas, tendo sido professora
e coordenadora do curso de mestrado em Ciência
da Informação. É analista de desenvolvimento
científico e tecnológico do CNPq e coordenadora
de projetos na área de linguagens documentárias
para recuperação de informação, no âmbito do
Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias
do MEC/CNPq, além de prestar consultorias em
várias instituições do País. É autora de dezenas de
artigos e de vários livros sobre indexação e tesau-
ros.

A informação tecnológica ao alcance das empresas nacionais



Contribuindo com o Projeto Brasileiro de Qualidade e Produtividade, o IBICT oferece o Serviço de Atendimento e Resposta Técnica - SARTE para manter a atualização e modernização do setor industrial.

IBICT/DDI/SARTE

Tel. (061) 321-7361/321-4888 r. 278
Fax 226-2677 - Telex 2481 CICT BR